

MEMÓRIAS DO 25 DE ABRIL DE 1974

Carlos Lopes Pereira – Membro n.º 4090

No dia 25 de abril de 1974 eu tinha 18 anos. Frequentava então o 7.º ano do liceu, o último do ensino secundário, no extinto Liceu D. João de Castro.

Na véspera, depois do jantar, como de costume, fui beber um café com os amigos no Furo, no sítio onde hoje é uma Padaria Portuguesa, e falamos sobre os cinco a zero do Benfica ao Académica no último domingo e de outras banalidades. Dali fomos jogar matraquilhos e acabamos a noite, já depois da meia noite, na Fonte dos Passarinhos, no Largo do Calvário.

Morava perto do liceu, e como tinha aulas de tarde, dormi a manhã toda e quando me levantei já era hora de almoço. Comi qualquer coisa à pressa, sob o olhar recriminativo do meu pai, peguei nos livros e rumei ao liceu para a aula de inglês, que era a primeira às quintas-feiras.

No caminho encontrei o Chico, que me disse que se calhar não ia haver aulas. Porquê? - Perguntei eu agradado com a perspetiva. Mais uma greve promovida pelo MAESL¹? Não, o meu pai disse-me que há bronca da grossa lá para a Baixa e os serviços do Estado estão fechados, esclareceu o Chico. Bom, vamos ver, disse eu sem fazer a mínimo ideia do que poderia estar a passar-se.

Sabia que havia contestação ao regime e o vice-reitor do liceu era acusado de pertencer à PIDE e já houvera até algumas concentrações de estudantes para pedir o seu afastamento. Também já tinha participado em manifestações estudantis, a primeira das quais no funeral do Ribeiro dos Santos morto em 71 pela PIDE, não porque tivesse qualquer consciência política, mas porque era amigo de alguns dos estudantes ativistas, admirava-os pela coragem com que desafiavam os poderes e percebia que por vezes alguns eram apanhados pela PIDE, porque depois apareciam no liceu com o cabelo rapado.

Fora isso, não tinha conversas de política com os meus amigos. Em minha casa lia-se diariamente o Diário de Notícias, que o meu pai assinava, assim como os clássicos da literatura portuguesa da coleção do Círculo de Leitores, e via-se solenemente as Conversas em Família do Marcelo Caetano. Entre os meus amigos próximos apenas o Rucas, que tinha família na Suécia, falava com entusiasmo na social democracia que vingava com sucesso na Suécia de Olof Palme. Dizia ele que lá toda a gente tinha dinheiro para viver, estivesse empregado, desempregado ou reformado e os serviços de saúde eram abertos a todos, gratuitamente. Ouvíamos estes relatos como quem ouve que há água em Marte, e não acreditámos que algum dia fosse possível ter essas coisas em Portugal.

Continuamos a subir a rua e quando passamos o portão da entrada de trás do liceu, que dava acesso ao grande pátio e aos campos de jogos, parámos estupefactos: as paredes amarelas do liceu estavam repletas de pichagens escritas com tinta vermelha em letras enormes, que diziam “Morte ao fascismo!”, “Pides para o Tarrafal!”, “Pardal para a rua!”. Foi aí que percebi que algo de muito grave estava a passar-se.

Nisto, passou por nós a correr o Tó Zé, gritando: Embora para o Largo do Carmo, vão prender o Marcelo!!! O Marcelo, pensei eu??? Esse não é o das Conversas...? Cruzei um olhar com o Chico e percebi que nem eu nem ele sabíamos o que fazer, e ocorreu-me que tinha combinado encontrar-me com a Clara pouco mais tarde. Sem compreender a verdadeira importância do acontecimento, gritei: Vai indo Tó, encontramos-nos lá depois!

Nesse dia tive a sensação de que a história passou por mim sem eu dar por isso e iniciei aí a minha consciencialização política.

¹ Movimento Associativo dos Estudantes do Ensino Secundário de Lisboa